

GÊNERO E ANARQUISMO NA HISTÓRIA

Lucien van der Walt

Este texto foi compilado e traduzido pela Secretaria de Formação da antiga OASL, no final de 2014, para contribuir com a discussão de gênero e anarquismo da organização. Retomamos aqui suas principais partes, que se baseiam quase inteiramente nas contribuições historiográficas de Lucien van der Walt, em seu livro de história global do anarquismo, *Black Flame* (BF).

OSL, 2024

GÊNERO, OUTRAS DOMINAÇÕES E CLASSES SOCIAIS

A luta anarquista contra a dominação de gênero se insere num quadro mais amplo, de luta contra a dominação em geral. Por isso, a questão de gênero foi tratada de maneira similar às questões de raça, de nacionalidade entre outras, que afetam todas as classes. Em todas elas, o classismo foi uma bandeira central para os anarquistas.

“O aspecto classista foi central nas posições anarquistas e sindicalistas [anarcossindicalistas e sindicalistas revolucionárias] sobre a questão de raça: de um lado, os membros da mesma raça eram divididos por classe; por outro, o preconceito racial e a discriminação eram melhor combatidos como parte de uma luta de classes mais ampla em termos inter-raciais e multinacionais. Do mesmo modo, a libertação nacional foi frequentemente vista como algo que necessitava de uma luta de classes revolucionária. As perspectivas do movimento sobre a emancipação das mulheres seguiu uma lógica semelhante, de se tentar encontrar meios de posicionar as lutas contra problemas específicos enfrentados pelas mulheres dentro de um projeto classista de luta revolucionária. Em acordo com seu compromisso de promover a igualdade econômica e social, assim como a liberdade individual, a tradição anarquista buscou promover a igualdade entre os sexos como parte de seu projeto para a criação de uma nova sociedade. (BF, pp. 321-322)

Ao explicar as causas da dominação de gênero, os anarquistas, em geral, relacionaram esta dominação com as dominações de classe, mas não reduziram uma coisa à outra.

“Essa política classista e internacionalista [do anarquismo] impulsionou os anarquistas e os sindicalistas [anarcossindicalistas e sindicalistas revolucionárias] a superar as divisões de gênero e raça. Ao mesmo tempo, a oposição da ampla tradição anarquista a todas as formas de desigualdade econômica e social forçou o movimento a enfrentar questões de opressão de gênero e de raça e a desenvolver uma análise classista das causas desta opressão.” (BF, p. 297) O feminismo anarquista, deste modo, sempre sustentou a importância das classes sociais e de se sustentar uma luta de gênero classista.

“Em outras palavras, para anarquistas e sindicalistas [anarcossindicalistas e sindicalistas revolucionárias], a luta pela liberdade da mulher não deveria ser realizada com um foco restrito, somente nas mulheres, mas constituir parte de um projeto emancipador mais amplo, que lute contra a exploração e a dominação de maneira mais geral; a opressão das mulheres nunca foi única e, por isso, sempre foi necessário evitar uma bifurcação grosseira entre as opressões de gênero e de classe.” (BF, p. 325)

Entretanto, diferente de alguns tipos de marxismo, a opressão das mulheres nunca foi vista como uma simples decorrência das dominações econômicas, materiais ou mesmo de classe. E a luta de gênero nunca foi relegada a um momento pós-revolucionário e nunca se considerou que com a solução das contradições de classes, e mesmo com o fim das classes, a questão de gênero seria automaticamente resolvida.

“A subjugação das mulheres não pode ser explicada simplesmente como produto das mudanças na estrutura material da sociedade. Também não pode ser confortavelmente assumido, conforme colocou Engels, que a ‘predominância do homem no casamento é uma simples consequência de sua predominância econômica e desaparecerá automaticamente com ela’. (Engels. “Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado”) A cultura e as ideias possuem um papel

crítico e irredutível na explicação da desigualdade de gênero, e a luta pela emancipação das mulheres deve, necessariamente, envolver uma luta cultural e ideológica. A criação de uma ordem socialista e igualitária pode ser um passo necessário rumo à igualdade de gênero, mas não é suficiente.” (BF, pp. 325-326) Por isso, o combate cultural/ideológico mostra-se também fundamental para a luta pela libertação de gênero.

“É aqui que a ampla tradição anarquista é especialmente interessante. De um lado, ao passo que os anarquistas e sindicalistas [anarcossindicalistas e sindicalistas revolucionárias] viram as desigualdades de classe e de gênero como algo entrelaçado, eles não reduziram a opressão das mulheres a uma sombra causada pelo sistema de classes ou a um imperativo funcional do sistema, que seria necessário para mantê-lo operando com efetividade.” (BF, p. 326)

“A abordagem da ampla tradição anarquista em relação à opressão de raça, nacionalidade, imperialismo e gênero foi realizada de maneira classista, buscando fundir várias lutas num movimento mais amplo, internacionalista e internacional, das classes populares para um novo mundo de igualdade e solidariedade. Em vez de protelar a resolução destas opressões para um futuro pós-capitalista, o movimento buscou construir um movimento revolucionário de trabalhadores e camponeses que tivesse como premissa a luta pelas relações igualitárias entre nacionalidades, raças e gêneros no presente, de maneira a prefigurar o novo mundo.” (BF, pp. 334-335)

“O classismo, nesta perspectiva, proporciona os fundamentos para unir diversas demandas e diferentes sujeitos numa luta maior pela emancipação geral humana, e as bases para identificar o papel do sistema de classes, tanto para criar opressões não classistas quanto para forjar a experiência destas opressões. Desse ponto de vista, opressões de raça, gênero, nacionais e imperialistas só podem terminar de verdade com uma revolução social que crie uma sociedade que emancipe a maioria das pessoas; ao mesmo tempo, a oposição a estas opressões no presente é um componente necessário do projeto de criação de um contrapoder e uma contracultura revolucionários que tornam possível a revolução.” (BF, pp. 334-335)

O feminismo anarquista se diferenciou não apenas do feminismo reducionista do marxismo, mas também de outros, em especial o feminismo liberal, que tem pautado muito do feminismo que se evidencia com a “nova esquerda” dos anos 1960 em diante na Europa ocidental e nos Estados Unidos.

“O que distinguiu o feminismo anarquista e sindicalista [anarcossindicalistas e sindicalistas revolucionárias] promovido pela tradição anarquista do feminismo liberal (que compreende que a igualdade das mulheres se realiza com o aumento de mulheres nas posições de comando do capital e do Estado) foi sua política classista. Para o movimento como um todo, a luta pelos direitos das mulheres era parte de uma luta de classes mais ampla, e as mulheres das classes populares tinham muito mais em comum com os homens destas classes do que com as mulheres de outras classes.” (BF, p. 298)

“A ampla tradição anarquista envolveu seu feminismo com sua proposta classista. Esta perspectiva distinguiu o anarquismo dos fins do século XIX do feminismo em voga, que priorizava o sufrágio e a igualdade legal, que se opunha ao socialismo revolucionário e que teve grande parte de seu apoio nas classes médias e altas.” (BF, pp. 323-324)

ANARQUISMO E LUTA DE GÊNERO

A defesa da libertação de gênero surgiu junto com o anarquismo, ainda nos anos 1860. A luta contra a dominação das mulheres foi sempre tratada como questão de princípio entre os anarquistas, mulheres e homens. Ainda que seja importante reconhecer que houve, historicamente, posições e condutas concretas em contradição com este princípio.

“A ampla tradição anarquista teve, desde os anos 1860, um compromisso, em termos de princípio, com a emancipação da mulher. Esse compromisso foi sustentado tanto por homens quanto por mulheres, contrariando a noção de que foram as ‘mulheres anarquistas’ que adicionaram uma ‘nova dimensão ... [para] a teoria anarquista’ na virada do século XX ao destacar as

‘dimensões psicológicas e pessoais da vida’ como ‘famílias, filhos e sexo’.” (E. Leeder) (BF, p. 328) Não seria possível, assim, haver um anarquismo não feminista.

Vários foram os anarquistas homens que abordaram a questão. Ricardo Flores Magón, num artigo chamado “La Mujer”, afirmou que o caminho para a libertação passa pela luta de classes, unindo os homens e as mulheres: “A solução está aqui na Terra! Essa solução é a rebelião”. Similarmente, Bakunin, no “Manifesto às Mulheres Oprimidas da Rússia”, sustentou que “as mulheres das classes populares tinham mais em comum com os homens destas classes do que com as mulheres das classes dominantes: ‘Mulheres oprimidas! Sua causa está indissociavelmente ligada à causa comum de todos os explorados – homens e mulheres! Parasitas de ambos os sexos! Vocês estão condenados a desaparecer!’” (BF, p. 325)

“Tomando em conta estas perspectivas – livre associações no amor, abolição da família tradicional, independência econômica das mulheres, igualdade de direitos, liberdade sexual, mudanças fundamentais nas esferas privada e cultural, atenção para as necessidades das mulheres como indivíduos e mães e a importância das próprias mulheres lutarem por igualdade –, seria um equívoco sugerir que a tradição anarquista, ou seus fundadores, Bakunin e Kropotkin, não estivessem preocupados com a emancipação da mulher.” (BF, p. 327)

Além da luta contra a dominação de gênero ser um princípio anarquista disso, as mulheres nunca se resumiram, na história do anarquismo, a uma militância exclusiva sobre as questões de gênero; foram centrais em muitos outros tipos de atividades. “Por um lado, a igualdade de gênero foi um princípio central da ampla tradição anarquista como um todo e foi promovida pela maioria dos homens anarquistas; de outro, as mulheres anarquistas e sindicalistas tiveram múltiplos papéis no movimento, como escritoras, sindicalistas, líderes de greves, organizadoras comunitárias e guerrilheiras e seria um equívoco reduzir sua contribuição ao ativismo de gênero. Deve-se tomar cuidado, em resumo, para não assumir que militantes mulheres são, necessariamente, feministas, ou que feminismo é algo somente para mulheres, ou mesmo que as mulheres anarquistas e sindicalistas formam uma categoria a parte como ‘anarca(o)-feministas’.” (BF, p. 298)

Por isso, falar em anarquistas-feministas, anarca(o)-feminismo seria redundante. Algo como falar em anarquismo revolucionário, anarquismo autogestionário e federalista etc. Ainda assim, é importante reconhecer que houve posições concretas bastante questionáveis em termos de gênero e perspectiva revolucionária na história do anarquismo. “A tendência de muitos escritores chamarem as militantes mulheres, anarquistas e sindicalistas, de ‘anarquistas-feministas’ ou ‘anarca-feministas’ é problemática, conforme mencionado, visto que tanto os homens quanto as mulheres anarquistas e sindicalistas [anarcossindicalistas e sindicalistas revolucionárias], em geral, defenderam uma posição feminista. (BF, p. 328)

Mas as mulheres anarquistas devem se organizar juntas com os homens ou separadamente? Desde um ponto de vista histórico, “a ampla tradição anarquista geralmente se opôs ao desenvolvimento de movimentos de mulheres separados e fora do movimento popular que deveria promover a revolução classista. Muitos se preocupavam que os grupos separados para a juventude e as mulheres poderiam dividir as classes populares. Alguns anarquistas como [Emma] Goldman tinham dúvidas sobre a utilidade de grupos apenas de mulheres. Entretanto, o movimento muitas vezes abarcou grupos e seções de mulheres, como parte do movimento revolucionário mais amplo. O movimento sindicalista contou com seções de mulheres nos sindicatos e até mesmo sindicatos específicos, somente para mulheres, como o IWW Women’s Committee na Austrália. (BF, p. 331)

CONCLUINDO

Em resumo, observando a história do anarquismo podemos dizer o seguinte:

- Desde seu surgimento, o anarquismo considera a luta contra a dominação de gênero um princípio; não se poderia ser anarquista sem ser feminista. Ainda assim, é importante reconhecer que, em termos concretos, muitas vezes esse princípio foi colocado em xeque, quando homens reproduziram dentro e fora de seus grupos e organizações posições machistas etc. O termo anarca(o)-feminismo e variáveis tem seus limites por razão de sua redundância. A questão de gênero foi defendida por

mulheres e homens e não se pode reduzir o papel histórico das mulheres anarquistas à luta de gênero.

- O feminismo anarquista foi considerado parte de outras opressões que, apesar de se relacionarem às dominações de classe, não podem ser reduzidas a ela. Trata-se de algo com alguma similaridade às dominações de raça e imperialistas, as quais terminam por afetar todas as classes sociais e, em muitos casos, estão vinculadas a lutas policlassistas. Ao intervir nas lutas de gênero, os anarquistas levantaram algumas bandeiras: o classismo, o socialismo e a necessidade de uma revolução social internacionalista.

- As classes sociais foram centrais na análise da dominação de gênero. Os anarquistas se diferenciaram dos liberais, que defendiam uma mobilidade individual das mulheres dentro das estruturas capitalistas-estatistas, e dos marxistas reducionistas, que acreditavam ser a dominação de gênero uma decorrência automática das dominações de classe ou que deveria ser tratada somente num momento pós-revolucionário. Mulheres são oprimidas por serem mulheres; mulheres trabalhadoras oprimidas duplamente, por serem mulheres e por serem trabalhadoras. O luta feminista dos anarquistas foi realizada junto com outras e sempre com uma bandeira classista. Na maioria dos casos, as mulheres anarquistas se organizaram juntamente aos homens, mas em diversas situações, preferiram criar seus próprios movimentos, grupos, periódicos etc.



Este texto é parte do Programa Mínimo de Formação da OSL